

NÚCLEO ESPÍRITA FRANCISCO DE ASSIS

TEXTO PARA O SEMINÁRIO 2025

O espelho da consciência

Por José Raimundo Cerqueira

Climério despertou num lugar de luz serena, onde o ar parecia cantar. Estava certo de que seria recebido com honrarias: fora médico, médium e trabalhador do bem. No entanto, à sua frente, apenas um homem de olhar firme e expressão tranquila o aguardava.

— Seja bem-vindo, Climério. Sou **Anselmo**, seu orientador — disse o mentor. — Vamos revisar sua caminhada. Caminharam por um jardim simples até uma sala clara, com um painel oval em forma de espelho grande no centro.

— Aqui é a **Sala de Registros da Consciência** — explicou Anselmo. — Ela mostra sem condenar. Você verá o que fez e, com maior intensidade, o que **deixou de fazer**.

O painel brilhou. Surgiu uma cena do consultório: uma senhora solicitava orientação para o filho dependente de álcool. Climério, exausto, havia prescrito o básico e dispensado a conversa mais longa — “horário cheio, minha senhora”. Ele se viu levantando-se da cadeira, abrindo a porta com gentileza mecânica, enquanto o olhar da mulher pedia algo além do remédio: pedia tempo.

— Lembra dos estudos na casa Espírita? — perguntou Anselmo. — Não devemos perder nenhuma oportunidade de praticar o bem! É preciso que façamos todo bem que estiver ao nosso alcance a todo o momento, nas coisas mais simples.

Climério contraiu as pálpebras. Recordava-se das noites de estudos, dos debates em torno do Evangelho, da sensação de superficialidade que o conduzia na seara do Cristo.

Outra cena surgiu. Era o **Centro Espírita**, um sábado de atendimento fraterno. Uma jovem mãe aguardava apoio. Climério Preferiu, porém, sair mais cedo para atender demandas do consultório — “Depois eu volto”, pensou. Não voltou naquela manhã. A jovem saiu sem ser acolhida por ele.

— “**Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse faço**” — disse Anselmo. O bem que se adia é oportunidade perdida. Você sempre reservou o melhor de si para **o que lhe rendia retorno imediato**: elogios, segurança financeira, a sensação de eficiência. O **bem discreto e anônimo** quase sempre ficou para depois.

A terceira lembrança mostrou o hospital. Quarto 403. Um senhor segurava-lhe a mão, enquanto partia. Climério, emocionado, prometera ao filho do paciente que regressaria à noite para uma conversa. Não voltou — houve uma confraternização da turma da residência, e **não “dava” para faltar**. O garoto chorou sozinho no corredor.

O painel apagou um instante. O silêncio pontuou a ferida.

Climério murmurou:

— Fiz muito..., mas fiz pela metade.

— Sim — respondeu Anselmo. — Fez-se muito por fora e pouco por dentro.

O painel mostrou, então, gestos sinceros: crianças atendidas com carinho, campanhas discretas, palavras de consolo.

— Você amou — reconheceu o mentor. — Mas, o egoísmo disfarçado de virtude ainda o guiava. A vaidade é sombra tecida de boa intenção.

Climério enxugou as lágrimas. — E haverá punição?

— Há consequência — respondeu o mentor. — A lei está na consciência. O que sente agora é aprendizado. Arrepende-se é o início da reparação. — E meus méritos? — Tudo conta, mas como oportunidade. Encarnar é aprender e servir. Mérito é coração transformado, não currículo.

O painel então ganhou nova intensidade. Uma sala simples, mesa de madeira, caderno espiral. **Reunião mediúnica.** A equipe em oração. Um espírito aflito, jovem, eco de tiros e sirenes ainda vibrando em torno dele. A médium **Fátima** dá voz ao sofrimento; Climério, comovido, escreve algumas linhas de orientação. A vibração sobe, o socorro se firma. E, a certa altura, uma distração: um pensamento sobre como **seria bom** receber, ao final, o elogio pelo bom trabalho da noite”. Aqui — disse Anselmo —, é a **pedra de tropeço mais sutil** do trabalhador espírita. Não é grave por si; torna-se grave quando o **conduz**.

Climério respirou. Pela primeira vez, sentiu-se grato por ver suas sombras com tamanha nitidez. Agradeceu, intimamente, pela ausência de honrarias: o silêncio era pedagógico.

A tela brilhou como lâmina de água. E por alguns instantes — que poderiam ter sido minutos ou décadas — Climério viu **a linha de sua vida**: a infância tímida, o primeiro jaleco, o busto do pai no consultório, as missas do começo, as obras kardecistas mais tarde, as madrugadas de plantão, o primeiro passe, o primeiro orgulho, a primeira renúncia verdadeira. Viu cada escolha que dera mais **valor** ao **aplausos** do que à **consciência**. Viu, sobretudo, **o que não fez quando podia**.

— Eu quis mais os aplausos do que a prática do verdadeiro bem — confessou.

— Então avancemos. O arrependimento sem ação é **névoa**: que se desfaz ao primeiro vento. Vamos às **reparações**. - Disse o mentor.

— Não devo descansar primeiro?

— Descansará servindo. Aqui o que revigora o espírito é o trabalho incessante no bem! Lembra do jovem do hospital? Ele vive, precisando de orientação. Poderá inspirar médicos a

agirem diferente. A senhora do consultório ainda luta; você ajudará outros a ouvi-la através deles. A jovem mãe, Rosa, será auxiliada por quem aprender com seu exemplo.

Climério sentiu a vibração de uma vontade de servir que envolvia todo o seu ser.

— Agora você começou — disse o mentor. — E conhecer-se é **humilhar o orgulho** sem esmagar a esperança.

Ele abriu o volume sem título que trazia desde o início. As páginas eram translúcidas, e nelas não havia letras; havia **impressões**: intenções, renúncias, sombras e claridades de Climério. Anselmo passou os dedos, como quem toca uma harpa. — Não tema a justiça — disse. — É amor em movimento. Nenhum bem se perde, apenas adormece. A colheita chega quando o semeador amadurece.

Climério orou em silêncio:

“Senhor, ajuda-me a querer o Teu querer, e não o meu aplauso.” Que meu coração aprenda a amar sem vitrine.

Seguiram até uma sala ampla, repleta de mesas e mapas da Terra. Era a **Oficina da Reparação**.

— Bem-vindo — disse. — Àquilo que, um dia, chamou **glória**. Aqui, damos outro nome: **serviço**.

Do lado de fora, o som da água corria suave. Climério compreendeu, enfim, que a verdadeira promoção era descer do pedestal e caminhar até o próximo.

E, quando se dispôs a servir em silêncio, sentiu o primeiro abraço da Lei — simples e perfeito, como o amor que não precisa ser visto para existir. Apenas, nos Ama Incondicionalmente.